

ANÁLISE CRÍTICA SOBRE OS OBJETIVOS DAS DISCIPLINAS DA ÁREA DE NUTRIÇÃO E DIETÉTICA EM CURSOS DE ENFERMAGEM DO ESTADO DE SÃO PAULO

Maria Cristina Faber Boog*
Maria José Roncada**
Glacilda T.M. Stewien***

BOOG, M.C.F.; RONCADA, M.J.; STEWIEN, G.T.M. Análise crítica sobre os objetivos das disciplinas da área de nutrição e dietética em cursos de Enfermagem no Estado de São Paulo. *Acta Paul. Enf.*, São Paulo, v.9, n.2, p.32-38, 1996.

RESUMO: Desenvolveu-se uma pesquisa para conhecer a situação do ensino de Nutrição nos cursos de Enfermagem do Estado de São Paulo. O presente trabalho apresenta resultados referentes à análise dos objetivos desses cursos. Os resultados obtidos junto a 24 cursos indicam que dois (8,3%) não têm disciplina específica na área. Dentre os 22 cursos cujos programas foram analisados, seis (27,3%) não apresentaram objetivos gerais e dez (45,5%) não apresentaram objetivos específicos. Faz-se uma análise do enfoque dado à disciplina à luz da visão de alguns autores sobre importância e funções da formulação de objetivos no planejamento pedagógico.

UNITERMOS: Nutrição - ensino. Enfermagem - ensino. Ensino - objetivos

INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz parte da pesquisa *Ensino de Nutrição nos cursos de Medicina e de Enfermagem do Estado de São Paulo*⁴. Como analisar os objetivos constitui tarefa mais complexa do que analisar outros elementos dos programas, como cargas horárias ou titulação de professores, a esse aspecto foi dedicado um trabalho específico.

As razões que levaram a execução desta pesquisa prendem-se aos seguintes fatos: em primeiro lugar, desconhece-se a situação atual do ensino de Nutrição nos cursos de Enfermagem. Até o ano de 1994, entre os cursos da área de saúde, Enfermagem era o único que continha a disciplina Nutrição

dentro de seu currículo mínimo, alocada na área de Ciências Fisiológicas (Resolução MEC 04/72), além dos cursos de graduação em Nutrição. Com a última alteração do currículo mínimo dos cursos de Enfermagem, implantada através da Portaria 1.721 de 15 de dezembro de 1994 do Ministério da Educação e do desporto, a disciplina Nutrição e Dietética deixa de integrá-lo, ficando, portanto, facultado aos cursos oferecê-la ou não; em segundo lugar, configura-se a necessidade de que os profissionais de saúde conheçam profundamente a situação nutricional da população brasileira, visto que a sua atuação deve atender e respeitar as necessidades

* Prof. Assistente-Mestre do Depto. de Enfermagem da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP

** Prof. Titular do Depto. de Nutrição da Faculdade de Saúde Pública da USP

*** Prof. Doutor (aposentada) do Depto. de Prática de Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da USP

peculiares de um expressivo segmento da população, cujo perfil de doenças está relacionado às más condições de alimentação e de vida^{2, 23}; em terceiro lugar, o ensino de Nutrição é permeado por muitas discussões e controvérsias^{1, 3, 6, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 22, 25} que devem ser trazidas ao conhecimento dos docentes da área para que possam analisar criticamente seus objetivos, programas e estratégias de ensino; em quarto lugar, a existência dessas controvérsias indica a necessidade de atualização e redirecionamento pedagógico^{12, 27}, para o que pretende-se contribuir com este trabalho, oferecendo subsídios à análise de objetivos das disciplinas da área de Nutrição e Dietética.

A fim de que a análise de objetivos fosse pautada em diferentes visões, buscou-se a fundamentação teórica em alguns autores cujas posições frente ao tema são sucintamente apresentadas a seguir.

BORDENAVE e PEREIRA⁵, citando Tyler, comparam a formulação de objetivos a um *filtro filosófico*, pelo qual as demandas da sociedade, as recomendações dos especialistas e o interesse dos alunos seriam canalizados para um currículo no qual se imprime uma orientação em que predomina uma das seguintes tendências: psicológica, sociológica, cultural ou tecnológica. Segundo esses autores, o ideal é que o professor seja capaz de combinar harmoniosamente

CASTANHO⁷ ressalta que, tradicionalmente, os objetivos foram tratados de modo absolutamente *técnico e asséptico*, mas que a educação, enquanto processo vivo e dinâmico, cresce na medida em que presta um serviço de boa qualidade, o que na prática sempre ocorre no contexto técnico/político. Para essa autora, a nomenclatura (objetivos gerais e específicos) não é tão relevante. Importa é o professor refletir sobre quais são seus grandes objetivos (por exemplo, *promoção da saúde*), seus objetivos médios (por exemplo, *estabelecer relações coerentes entre o processo patológico e a ação dos alimentos neste processo*), e pequenos (por exemplo, *formular um cardápio equilibrado*), mas, sobretudo, conseguir articular estas idéias em sala de aula, considerando o todo e as especificidades. Ressalta, ainda, CASTANHO⁷ que *a preocupação exagerada com a definição de objetivos que possam ser previstos, observados, medidos, comparados, po-*

dem levar o professor a pensar que só esses objetivos podem ser ensinados, desprezando, assim, questões mais sutis, mas nem por isso menos relevantes.

SANT'ANNA e colab.²⁰ enfatizam que o momento em que o professor define os objetivos gerais é o momento em que ele determina a *contribuição dos cursos e das disciplinas para a educação*. Desta forma, a questão dos objetivos gerais é uma questão axiológica de suma importância, pois diz respeito aos valores que direcionam a docência num determinado campo, à intencionalidade última do ensinar.

WALKER e MCKEACHIE²⁴, tecendo considerações a respeito de um curso introdutório à psicologia, introduzem algumas questões que podem auxiliar nesta análise, uma vez que a disciplina Nutrição, em um curso de Enfermagem, não exige um aprofundamento muito grande, mas deve se constituir numa introdução a esta ampla área de conhecimento e servir de elemento de motivação para a busca espontânea de aprofundamento em outros momentos do curso, quando a situação teórica ou prática assim o exigir. Dizem esses autores que um curso introdutório deve indicar ao estudante a *área total da matéria*, evitando *induzir o aluno a pensar que ele domina o conhecimento*. Deve *comunicar as atitudes básicas da disciplina*, o que, evidentemente, depende que o docente saiba o contexto em que o conhecimento vai ser aplicado e as questões mais sutis, que não necessariamente encontram-se nos livros, mas que interferem na prática profissional, como, por exemplo, em Nutrição, o *saber popular*, com o qual sempre se trabalha *pari-passu* com o saber técnico.

De WITTER e colab.²⁶, tomou-se um texto que, especificamente, não diz respeito a objetivos, mas cuja contribuição também pode ser útil a esta análise. Os autores, reportando-se a um texto de Pais sobre estruturas de poder nos discursos, referem que o discurso científico se define pela modalidade complexa *poder - saber - fazer*. Parte-se do pressuposto que o domínio de um conhecimento - *saber* - confere certo grau de *poder*, ou seja, capacidade de influir nas decisões de quem detém o *saber*, e que este *saber* vá influenciar o seu *fazer*, sua busca de dados e aplicação do conhecimento.

Entretanto, vale retornar a CASTANHO⁷ para lembrar que o discurso científico só se concretiza na prática se os objetivos da educação não forem tratados de modo absolutamente *técnico e asséptico*, desvinculados da problemática política⁷. Assim, ensinar Nutrição sem considerar a situação nutricional da população brasileira, ou mesmo, sem considerar a realidade dos serviços de saúde, onde os conhecimentos devem ser utilizados na prática profissional, seria, no mínimo, inócuo.

Os objetivos do ensino estão sempre acoplados aos objetivos mais amplos da educação. Temos então SAVIANI²¹, que em seu texto *Valores e objetivos da educação*, pergunta: *Que sentido terá a educação se ela não estiver voltada para a promoção do homem?*. E define o significado de promover o homem: *tornar o homem cada vez mais capaz de conhecer os elementos de sua situação para intervir nela transformando-a no sentido de uma ampliação da liberdade, da comunicação e colaboração entre os homens*.

Para esse autor, existem objetivos de quatro naturezas para a educação. O primeiro refere-se à educação voltada para a *subsistência*, que ele define como sendo a capacidade de *tirar da situação adversa os meios para sobreviver*. O segundo objetivo é a *libertação*: amplia-se a visão do aluno para que ele, descortinando um leque maior de possibilidades de opções, saiba escolher a mais conveniente. A educação deve voltar-se também à *comunicação*: ampliam-se os instrumentos e a capacidade de interagir com as pessoas, com as equipes e com os grupos. E, finalmente, a educação para a *transformação* das situações concretas de vida, isto é, uma educação que seja semente de mudanças que possam efetivamente redundar na promoção humana.

Como se pode perceber, a questão do direcionar uma disciplina não é uma questão abstrata, mas um ponto de partida que define o rumo e o resultado final dos esforços empreendidos no transcurso das aulas, motivo pelo qual esta questão vem sendo objeto de discussão de pedagogos e filósofos.

Finalizando esta tomada de posições, MORAIS¹⁵, citando Alceu Amoroso Lima, refere que este grande pensador brasileiro dizia que a educação se desenvolve por quatro planos de hierarquia crescente: o da técnica, o da ação, o da ciência e o da sabedoria.

O da técnica adentra o homem e faz nascer o *homem fabricante*. O da ação se dá no sentido mais próximo do agir dentro de uma determinada ética, capaz de definir uma postura política, consciente, movendo a vontade de cada um, no sentido da integração geradora do social. No plano da ciência, busca-se a visão do mundo em profundidade e, no plano da sabedoria, a técnica, a ação e a ciência são transformados em impulsos mais elevados para o viver. O trabalho de natureza pedagógica transcende aquele de natureza técnica, motivo pelo qual nem sempre se consegue que o docente que domina com brilhantismo certa área de conhecimento, seja um excelente professor; e, igualmente, que o excelente professor domine com desenvoltura todos os itens da matéria que lhe compete ensinar.

Evidentemente que, através de uma análise de objetivos, não se pode julgar a qualidade do ensino e nem avaliar se um professor trabalha no plano da técnica, da ação, da ciência ou da sabedoria. Este trabalho constitui apenas uma tentativa de aprofundamento na reflexão sobre as propostas do ensino de Nutrição e Dietética nos cursos de Enfermagem, sugerindo medidas para aprimorá-lo, bem como para ampliar seu contexto.

MÉTODO

Considerando que a delimitação do problema a ser investigado representa uma preocupação emergente, pouco trabalhada até o momento, pode-se classificar esta pesquisa como um estudo exploratório.

Inicialmente foi elaborada uma listagem dos cursos existentes no Estado de São Paulo com dados obtidos de consultas feitas a órgãos oficiais representativos da categoria dos enfermeiros, confirmados por contato telefônico com as instituições, chegando-se à listagem final de 26 cursos, aos quais se enviou, em julho de 1992, explicação das propostas do trabalho, solicitando o preenchimento de questionário, além da remessa do programa da(s) disciplina(s) específica(s) da área de Nutrição e Dietética.

Um ano depois, só haviam retornado cerca de 50% dos questionários preenchidos, que permitiram a apuração de dados preliminares, os quais

foram apresentados em reunião do Comitê de Ensino de Graduação em Enfermagem da Associação Brasileira de Enfermagem, na cidade de Bauru. Na oportunidade, solicitou-se aos coordenadores de cursos que não haviam respondido o questionário, que o fizessem. Nova cópia do questionário foi enviada em agosto de 1993 a esses cursos. As respostas se sucederam, totalizando 24 cursos, representativos de 92,3% do universo.

O presente trabalho refere-se apenas à análise de objetivos gerais e específicos. Para proceder a esta análise foram estabelecidas categorias para classificar os objetivos apresentados pelas escolas.

RESULTADOS E CONCLUSÕES

Dos 24 cursos analisados neste trabalho, dois (8,3%) não têm disciplina específica na área (não tendo, portanto, objetivos para a mesma), e seis (25,0%) não têm objetivos gerais explicitados no programa.

Analisando os objetivos gerais com base no trabalho de WITTER e colab.²⁶, procurou-se identificar a conotação dos verbos empregados na formulação do objetivo geral, segundo sua relação com as categorias *saber, poder e fazer*.

Os objetivos relacionados ao saber são expressos como *conscientizar, dar subsídio, orientar sobre, compreender, dar noções básicas, reconhecer a importância (ou o papel), justificar o estudo, proporcionar a aquisição de conceitos, adquirir informação científica, dar oportunidade de desvendar*. Treze cursos (54,1%) expressaram objetivos desta natureza.

A intenção de preparar o futuro enfermeiro para deter certo grau de decisão, intervir na realidade para modificá-la, integrar a equipe, aparece explícita nos objetivos de quatro cursos (16,7%) e em três está diretamente relacionado ao saber, isto é, saber para poder. Por exemplo: *Dar subsídios para que (...) possa colher, fornecer e discutir informações (...)*.

Objetivos gerais relacionados ao fazer foram apresentados por dez (41,7%) instituições, sendo que oito (33,3%) deles estão relacionados a objetivo do âmbito do saber. Duas (8,3%) instituições expressaram o objetivo geral em termos estrita-

mente pragmáticos, por exemplo: *Capacitar o aluno a executar atividades...*

O fazer do enfermeiro em relação à Nutrição e Dietética é ainda indefinido. Foram apontados como objetivos nessa área:

- atuação (...) na técnica de alimentação natural, para gavagem e em pacientes gastrostomizados.
- identificar e desenvolver atividades junto ao ser humano, relacionadas à orientação, administração e supervisão da dieta normal e das dietas terapêuticas.
- avaliação dos efeitos da dieta.
- avaliação da mudança de comportamento alimentar.
- colaboração com o serviço de nutrição.
- aplicar conhecimentos no exercício de suas funções de enfermeiro.
- identificar problemas de Nutrição em Saúde Pública.
- acompanhar o tratamento dietético de pacientes.
- avaliar as necessidades nutricionais de um paciente.
- selecionar adequadamente os alimentos para obter resultados positivos no tratamento de enfermidades.
- identificar diferentes dietas.
- aplicar (...) conceitos (...) na prática.
- capacitar (...) a executar atividades de assistência nutricional.
- (aplicação de conhecimentos) a fins profissionais e educativos.
- orientar a dieta.
- avaliar e observar a ingestão.

O papel do enfermeiro na prestação de cuidado nutricional, assim como as interfaces do trabalho do enfermeiro e do nutricionista, são questões que exigem análise e discussão mais pormenorizadas, que fogem ao escopo deste trabalho, mas são temas cujas indefinições se refletem no delineamento dos programas.

A preocupação com a realidade de nutrição e alimentação da população brasileira apareceu explicitada como objetivo da disciplina em apenas três (12,5%) cursos: *compreender o papel da nutrição na promoção da saúde, (...), considerando a situação nutricional da população brasileira, identificar os problemas prioritários de Nutrição em Saúde Pública e desvendar que a fome é um dos problemas mais graves ...*

A referência explícita à *promoção da saúde* apareceu no objetivo geral de três cursos (12,5%), enquanto referências a *dietas ou dietoterapia* figuram no objetivo geral de sete cursos (29,2%). Utilizando o conceito de BORDENAVE e PEREIRA⁵, pode-se indagar a respeito de qual seria a demanda primordial da sociedade em termos de conhecimento de Nutrição: sua importância na promoção da saúde da população ou conhecimento técnico específico sobre dietoterapia ou simplesmente *dieta*? Não cabe aqui responder a esta questão, uma vez que a resposta está atrelada, também, à filosofia de formação profissional que cada instituição imprime ao seu curso. Convém, contudo, ressaltar que alguns cursos explicitam no objetivo geral preocupações eminentemente técnicas nas quais, por exemplo, o estudo *da dieta* toma a primazia sobre a dietoterapia que envolve o homem que está sendo tratado e, às vezes, também, o patológico toma a primazia sobre o normal.

Das 24 instituições estudadas, apenas 14 (58,3%) apresentaram objetivos específicos. Não se observa uma distinção clara entre a idéia expressa no objetivo específico e no conteúdo. Na realidade, o objetivo é que o aluno domine o conteúdo técnico, o que leva ao uso frequente de expressões como *adquirir noções, conhecer, fornecer conhecimentos*. São muito menos frequentes objetivos como "*analisar os fatores relacionados à alimentação e nutrição no contexto da saúde, analisar o papel do enfermeiro no contexto da assistência ao paciente ou avaliar os principais programas de alimentação e nutrição formulados no Brasil*". Os temas que foram privilegiados no estabelecimento dos objetivos específicos foram: Dietoterapia nas patologias específicas (50,0%); Nutrientes: funções e fontes (45,8%); Dietética no ciclo vital (37,5%); Processo de cuidado nutricional: papel do enfermeiro (37,5%). (Tabela 1).

TABELA 1
Temáticas abordadas nos objetivos específicos das disciplinas de Nutrição e Dietética em 22 cursos de Enfermagem do Estado de São Paulo, 1992/93

Temática dos Objetivos	Cursos	
	n	%
- Introdutórios: relação nutrição-saúde	3	12.5
- Nutrientes: funções, fontes	11	45.8
- Dietética geral	6	25.0
- Dietética no ciclo vital	9	37.5
- Avaliação do estado nutricional	4	16.7
- Dietas hospitalares de rotina	5	20.8
- Dietoterapia nas patologias específicas	12	50.0
- Processo de cuidado nutricional: papel do enfermeiro	9	37.5
- Lactário	2	8.3
- Suporte nutricional	3	12.5
- Nutrição em Saúde Pública	5	20.8
- Aspectos psicológicos, sociais, culturais da alimentação - educação nutricional	4	16.7
- Fisiologia da nutrição	2	8.3
- Outros	5	20.8

Alguns dos objetivos que foram mencionados no ítem *outros* referiam-se a *correntes alternativas de alimentação* (uma instituição, 4,2%), *estímulo ao desenvolvimento de pesquisas* (duas instituições, 8,3%) e *elaboração e ministração de programas de nutrição junto com profissionais da área* (uma instituição, 4,2%).

No contexto geral, estes dados parecem informar mais sobre a importância secundária que é dada à formulação de objetivos do que sobre o enfoque dado à disciplina, e fica evidente que a transmissão de informações toma a primazia sobre uma abordagem mais contextualizada. Há uma tendência a privilegiar a transmissão de conteúdo,

ou seja, o ensino técnico ou tecnológico. na acepção de BORDENAVE e PEREIRA⁵. Há poucas referências explícitas sobre o contexto onde o conhecimento deva ser aplicado. Quando SAVIANI²¹ diz que o objetivo da educação é promover o homem, isto é, tornar o homem cada vez mais capaz de conhecer os elementos de sua situação e nela intervir *transformando-a*, ele ressalta o mesmo aspecto da questão apontado por CASTANHO⁷. Quando os objetivos específicos mencionam que o aluno deverá *propor sugestões sobre como integrar o trabalho do enfermeiro com o de outros profissionais, discutir e analisar os programas governamentais, avaliar as dificuldades alimentares do paciente*, pode-se pensar que o ensino está voltado às situações concretas, e, mais do que isso, a capacitar o aluno para nelas intervir e transformá-las.

RECOMENDAÇÕES

- Com base no estudo realizado, recomenda-se:
- a divulgação dos resultados desta pesquisa junto aos cursos de Enfermagem e a seus docentes responsáveis pelas disciplinas da área de Nutrição e Dietética;
 - a discussão nesses cursos sobre perspectivas e dificuldades para aplicação dos conhecimentos adquiridos em Nutrição e Dietética;
 - a promoção de encontros de docentes da área de Nutrição e Dietética para discussão a respeito da abordagem desta disciplina nos cursos de graduação em Enfermagem;
 - orientação aos docentes quanto à importância e finalidade do estabelecimento de objetivos;
 - a realização de pesquisas sobre a interface do trabalho do enfermeiro e do nutricionista.

BOOG, M.C.F.; RONCADA, M.J.; STEWIEN, G.T.M. [Critical analyses of nutrition teaching objectives presented by undergraduate nursing courses in the State of São Paulo, Brazil]. *Acta Paul. Enf.*, São Paulo, v.9, n.2, p.32-38, 1996.

ABSTRACT: The present research was performed in order to know how teaching in the area of Nutrition in the undergraduate nursing courses in the State of São Paulo, Brazil, is undertaken. This paper shows the results obtained through the analyses of the objectives presented by the 24 courses that answered the questionnaire sent out. Two (8.3%) of them have no specific discipline in the area. Of the 22 courses that had their programmes analysed, six (27,3%) presented no general objectives and ten (45,5%) presented no specific ones. Taken into account the points of view of some authors on the importance and functions of objective formulation in pedagogic planning, analyses of the approach undertaken was performed.

UNITERMS: Nutrition teaching. Nursing education. Teaching objectives

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. BALL, M.M. Nutrition content in the nursing curricula: potencial for implementation. *J.Nutr.Educ.*, v.1, p.10-1, Winter 1970.
02. BATISTA F^o, M.A.; BARBOSA, N.P. *Alimentação e nutrição no Brasil: 1974 - 1985*. Brasília, Ministério da Saúde/ INAN, 1985.
03. BEZERRA, L.G. *O ensino da nutrição nos cursos de medicina do Brasil*. Natal, Ed. Universitária, 1980.
04. BOOG, M.C.F.; RONCADA, M.L.; STEWIEN, G.T.M. Ensino de nutrição nos cursos de medicina e de enfermagem no Estado de São Paulo. I - Cursos de Enfermagem. *Acta Paul.Enf.*, v.8, n.4, p.66-75, 1995.
05. BORDENAVE, J.D.; PEREIRA, A.M. *Estratégias de ensino - aprendizagem*. Petrópolis, Vozes, 1986.
06. BOUCINHAS, J.C.; BEZERRA, L.G. O ensino de nutrição a nível de graduação nos cursos de medicina do Brasil. *Aliment.Nutr.*, n.50, p.48-52, 1990.
07. CASTANHO, M.E.L.E. Os objetivos da educação. IN: VEIGA, I.P.A. *Repensando a didática*. Campinas, Papirus, 1991, p.53-64.
08. DUTRA DE OLIVEIRA, J.E. Teaching nutrition in medical schools: past, present and future. *World Rev.Nutr.Diet.*, v.25, p.142-65, 1976.
09. FRANKLE, R.T. Nutrition education for medical students. I. What is it? Where has it been? Why should it be taught? *J.Am.Diet.Assoc.*, v.68, p.513-9, 1976.
10. FRANKLE, R.T. Nutrition education for medical students. II. Who shall teach it? Within what framework? How? *J.Am.Diet.Assoc.*, v.68, p.520-5, 1976.

11. GRIFFITH, W.H. The scope of nutrition. **Fed.Proc.**, v.266, p.153-7, 1967.
12. HEIMBURGER, D.C. et al. Dietary habits of first year medical students assessed during clinical nutrition course. **Nutrition**, v.10, p.214-20, 1994.
13. HOTING, H.; LITTLEFIELD, J.H. Improving nutrition componentes in medical and dental school curriculum. **J.Am.Diet.Assoc.**, v.85, p.479-80, 1985.
14. LASSWELL, A. et al. Importance of nutritional issues among family physicians. **J.Nutr. Educ.**, v.25, p.251-7, 1993.
15. MORAIS, R. Discurso humano e discurso filosófico na educação. IN: MORAIS, R. (org.) **Filosofia, educação e sociedade**. Campinas, Papirus, 1989, p.117-33.
16. NEWTON, M.E. Nutrition content in the nursing curricula: potential for deletion. **J.Nutr. Educ.**, v.1, p.9-10, Winter 1970.
17. POSITION PAPER OF THE AMERICAN DIETETIC ASSOCIATION. Nutrition - an essential component of medical education. **J.Am Diet.Assoc.**, v.94, p.555-7, 1994.
18. RAO, S. Metodo para mejorar la ensenanza de la nutrition en las escuelas de medicina. **Bol. Ofic.Sanit.Panamer.**, v.70, p.530-7, 1971.
19. ROMO, M.E.; OLIVARES, S. Ensenanza de nutrition en la formacion de profesionales de la salud de la Universidad de Chile. **Rev.Chil.Nutr.**, v.11, p.35-42, 1983.
20. SANT'ANNA, F.M. et al. **Planejamento de ensino e avaliação**. 11a. ed. Porto Alegre, Sagra, 1986.
21. SAVIANI, D. **Do senso comum à consciência filosófica**. 10a.ed. São Paulo, Cortez, 1991, p.39-44: Valores e objetivos da educação.
22. SCHWARTZ, N.E. Knowledge, attitudes and practices of Canadian Public Health Nurses. **J. Nutr.Educ.**, v.8, p.28-31, 1976.
23. SHRIMPTON, R. **Ecologia da desnutrição na infância: análise da evidência das relações entre variáveis sócio-econômicas e estado nutricional**. Brasília, C.N.R.H./IPEA - UNICEF, 1986. (Série instrumentos para a ação, n.3)
24. WALKER, E.L.; MCKEACHIE, W.J. **Considerações sobre o ensino do curso de introdução à psicologia**. São Paulo, HERDER, 1969.
25. WINICK, M. Nutrition education in medical schools. **Am.J.Clin.Nutr.**, v.58, p.825-7, 1993.
26. WITTER, G.P. et al. Saber, poder e fazer nos títulos de dissertações de mestrado em psicologia da PUCCAMP. **Estudos de psicologia.**, v.5, p.70-83, 1983.
27. ZIMMERMANN, M; KRETCHMER, N. Isn't time to teach nutrition to medical students? **Am.J.Clin.Nutr.**, v.58, p.828-9, 1993.